

RESSIGNIFICAÇÕES DAS APRENDIZAGENS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O ENSINO COM PESQUISA NO TRABALHO DOCENTE DE PROFESSORES INICIANTE

Marja Leão **Braccini** – UNISINOS

Agência Financiadora: CAPES/PROEX

Nesta pesquisa foram ouvidos egressos dos Cursos de Licenciaturas que tiveram experiência em Bolsas de Iniciação Científica – BIC - e que atuaram como docentes na Educação Básica. Procurou-se compreender como eles resignificavam a experiência de IC no exercício da docência e como seus saberes foram por ela afetados. Também ouvimos os professores orientadores dos Bolsistas que expressaram suas compreensões sobre esta questão, totalizando doze entrevistas. O estudo foi realizado como requisito parcial ao título de Mestre em Educação em uma Universidade privada no sul no Brasil.

É notório que os projetos/programas de BIC tem como objetivo principal a inserção (desde a graduação) em pesquisas científicas para encaminhar o graduando aos cursos de mestrado e doutorado, formando pesquisadores (CNPq, 2010). A docência não se constitui num foco prioritário dos programas de IC.

Numa observação a partir do senso comum, poder-se-ia crer que o bolsista somente carrega os livros dos pesquisadores, lava tubos de ensaio, faz transcrições, etc. Poderiam estas atividades ou estes espaços ser significativas para construção de saberes docentes? A iniciação em pesquisa científica estaria auxiliando aos licenciandos na construção de saberes para docência?

A importância da pesquisa através dos Programas de IC foi destacada por Calazans como um espaço de formação docente, pois a

inserção de alunos de graduação nos grupos mais estruturados de pesquisa [...] e que tratem o ensino, a pesquisa e a extensão de modo indissociável, tem se constituído em uma das possibilidades de formação de docentes para escola básica imbuídos de um espírito investigativo, imprescindível às necessidades que se impõem a uma educação de qualidade. (CALAZANS, 2002, p.138)

Para a autora a participação enquanto BIC possibilita ao futuro professor o exercício do espírito investigativo que na escola pode refletir-se em ações voltadas para melhoria da qualidade da educação.

Freire (1996, p.29) diz que “não há pesquisa sem ensino e ensino sem pesquisa”. Para ele a atitude investigativa envolve um movimento constante de investigar em um processo formativo. O autor alerta que a pesquisa não pode ser separada das “atribuições” do professor na contemporaneidade.

Durante os Cursos de Licenciatura a pesquisa tem sido inserida como componente da formação docente, mesmo que com iniciativas ainda tímidas. Galliazzi (2003, p.56) diz que a inserção à pesquisa favorece o desenvolvimento de outras habilidades necessárias ao trabalho docente, pois os professores que pesquisam estarão “mais acostumados a dialogar com seus pares”.

Balzan (2000, p.136) nos auxilia a refletir sobre a pesquisa como princípio metodológico, menciona que os professores que a desenvolvem estão construindo com os discentes o conhecimento sobre os temas e podem ter maior êxito em suas práticas. Isso se realiza quando “professores e alunos trabalham juntos, procurando solucionar problemas extraídos da realidade homem-natureza-sociedade”.

As contribuições teóricas destes autores criaram as bases iniciais da pesquisa aqui relatada. Estimularam a delimitação do seguinte problema: *Em que sentido os saberes construídos como Bolsista de Iniciação Científica nos Cursos de Licenciatura são importantes para atuação docente dos professores da Educação Básica?*

Utilizou-se um roteiro semi-estruturado para as entrevistas, a partir da compreensão qualitativa de pesquisa. Minayo afirma que a pesquisa qualitativa

trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes. [...] O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2007, p. 21).

As diretrizes que guiam a estrutura dos Cursos, as normas dos Programas de IC e o contexto onde estes alunos desenvolveram as pesquisas científicas serviram de pano de fundo para o estudo.

A entrevista pode ser caracterizada como um momento de compreensão de significados subjetivos que “ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e entrevistado” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). É uma conversa, porém com objetivo claro e definido.

METODOLOGIAS DE ENSINAR E APRENDER COM PESQUISA

Nossos interlocutores destacaram que ter sido BIC os auxiliou a “gostar de fazer pesquisa” e a querer trabalhar com pesquisas em sala de aula. Acreditam que a pesquisa favorece o desenvolvimento da autonomia e construção de conhecimento. Tomam a pesquisa como um princípio epistemológico. Um professor de biologia relatou:

Como eu trabalho muito com experimento, às vezes os alunos falam: vamos abrir um bicho professor? {...} daí a gente abre e tento criar com eles uma metodologia científica para o conhecimento, a partir de a experimentação. É para eles conseguirem “bolar” o que eles sabem, ver o que eles já conhecem, trazer coisas novas e aí eu fui percebendo que a IC poderia ter sido importante para mim. (sujeito um)

Quando perguntamos aos nossos sujeitos, professores da escola básica, se faziam pesquisas com seus alunos, cinco dos seis entrevistados disseram que sim. Mas nos interessava saber de que pesquisas falavam, de que tipo realizavam e se a IC os auxiliou ou não a incorporar esta metodologia nos seus cotidianos escolares.

Quatro destes sujeitos (áreas de Biologia, Educação e duas da Computação Aplicada) disseram que trabalham a pesquisa no sentido de duvidar do conhecimento que está posto e que precisa ser trabalhado. Lançam perguntas para os alunos e junto com eles vão construindo o conhecimento curricular. A professora de matemática, (ex-BIC de Computação Aplicada) confirmou que utiliza bastante a pesquisa como princípio metodológico, pois acredita que torna a aula mais interessante.

Balzan (2000, p. 116) nos auxilia a refletir neste sentido pois diz que “sim é possível, embora difícil atingir um ensino de boa qualidade sem pesquisa”, mas o autor fala de casos raros de professores que não pesquisam na visão tradicional com seus alunos, mas que mesmo assim conseguem ter uma aula atraente, por que pensam, analisam a realidade cotidiana e são curiosos. O mesmo autor critica o que denomina como *pseudopesquisas* como aquelas

atividades limitadas a fichamento de livros e textos, a procura de respostas certas em manuais ou em experimentos que não passam de exercícios repetitivos em laboratórios, pesquisas em grupos que na verdade tem seus tópicos divididos entre os participantes (BALZAN, 2000, p. 116).

Entre nossos respondentes não encontramos explicitamente esta compreensão de pesquisa. De alguma maneira eles procuram agregar algo a mais nas investigações que realizam para que se tornem efetivamente em produção de conhecimento. A professora de física relata que procura pesquisar utilizando vários recursos com seus alunos, reconhece que encontra dificuldades na escola, mas que não esmorece. Entende que sobre alguns assuntos não é possível realizar experimentos, então ela parte para pesquisa bibliográfica ou mesmo vai construindo a partir de questionamentos com eles e exemplos do cotidiano.

Os professores orientadores apontaram que a IC pode auxiliar os acadêmicos a serem professores mais criativos, questionadores, capazes de utilizar a pesquisa como princípio metodológico. Revelaram a valorização desse espaço de formação também para a docência,

pois crêem que amplia seus conhecimentos e pode, desta forma qualificar seu fazer profissional.

A realidade objetiva das escolas foi um ponto marcante nos depoimentos dos interlocutores. Quando se constituía com elementos favoráveis, os permitia inovar. Mas tinham consciência de que, se este contexto não fosse positivo, sua prática poderia ser outra. As emergências dos jovens professores é primeiro saber lidar com os alunos e suas culturas para depois dedicarem-se a qualificação das suas práticas pedagógicas.

A IC parece ter possibilitado um espaço de formação docente diferenciado para estes professores iniciantes, um espaço onde eles aprenderam uma forma de ensinar que se afasta da concepção epistemológica dominante, na direção do ensinar com pesquisa.

Para nossos respondentes, a experiência que viveram como BIC favoreceu a construção de saberes que eles potencializam na ação docente na educação básica. Entre eles indicam: a autonomia e a tomada de decisões, as habilidades de análise e síntese, o desenvolvimento da oralidade na defesa de suas idéias e o exercício do trabalho coletivo.

As aprendizagens apontadas pelos BICs foram várias, resguardando as áreas de conhecimento distintas e dinâmicas diferenciadas das pesquisas que desenvolvem. Em alguns casos é possível fazer relações da pesquisa que realizavam na IC, as aprendizagens que mais valorizaram e como isto impacta na docência. Em outros casos esta relação não é tão linear pois crê-se que os processos que cada um vivencia, a experiência que ressignificam e os demais espaços de construção de saberes que marcam suas trajetórias se constituem numa simbiose que resulta em sua formação.

Como estão na fase inicial da docência, ainda estão envolvidos com a construção do seu modo de ser docentes e preocupados com dar conta das exigências da profissão frente a seus alunos (MARCELO GARCIA, 2009, TARDIF, 2002). Reconhecem que as condições objetivas da escola favorecem ou não uma prática mais reflexiva e a possibilidade do ensino com pesquisa.

Compreendemos que existem movimentos de reflexão sobre a prática por parte dos BIC egressos entrevistados, porém não se pode deixar de destacar que todos eles são professores iniciantes e que ainda estão “testando” os melhores caminhos para sua atuação docente. Mas percebemos, na maioria dos casos, uma “sementinha” de dúvida que parece que, na totalidade dos entrevistados, foi implantada pela formação em pesquisa durante a IC.

A revisão de literatura ajudou a compreender que este fato não pode ser visto de forma isolada. Estará na dependência das condições objetivas do trabalho docente. Entretanto ao

considerarmos a Iniciação Científica como uma experiência significativa na formação de licenciandos, pressupõe-se que esta condição possa ter impacto nos saberes da docência.

REFERÊNCIAS

BALZAN, Newton. Indissociabilidade ensino-pesquisa como princípio metodológico. In: VEIGA, Ilma Passos (org.) *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas: Papirus, 2000. p. 115-136.

CALAZANS, Julieta. (org) *Iniciação Científica: construindo o pensamento crítico*. São Paulo: Cortez, 2002.

CNPq. *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. Bolsas por quotas no país. Disponível em www.cnpq.br . Acesso em 04 abr. 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALIAZZI, Maria do Carmo. *Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELO GARCIA, Carlos (coord.) *El profesor principiante*. Inserción a La docencia. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2009.

MINAYO, Maria C. S. (org.) *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.